



Juventude Camponesa e Seus Saberes e Fazeres na Agroecologia do Assentamento Ernesto Chê Guevara Sidrolândia-MS

Peasant Youth and Their Knowledge and Practices in the Agroecology of the Ernesto Chê Guevara Sidrolândia-MS Settlemen

FERREIRA, João Paulo Souza¹; FERREIRA, Patricia de Souza¹; VILA, Bruno¹; DINIZ JUNIOR, Manoel Soares Oliveira¹; BISCOLA, Ionara dos Santos Biscola¹

¹ Universidade Federal da Grande Dourados, joapaulosfrtrabalho@gmail.com, luaravictor@yahoo.com, brunodinizvl@gmail.com, yonarabiscola@hotmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo estudar a juventude e seus conhecimentos sobre agroecologia, no Assentamento Ernesto Chê Guevara MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) em Sidrolândia-MS (Mato Grosso do Sul). A ideia vem de encontro a questão de conseguir produzir o necessário dentro da própria propriedade, e assim a juventude venha ter sua auto sustentação ou renda própria, aliando a sincronia e o cuidado com o agrossistema, a preservação da biodiversidade, e também sendo o propósito da agricultura familiar uma produção orgânica que venha alimentar a população e garantir sua permanência no campo, a partir de uma produção em conjunto, equilibrando a organização social, cultural, econômica e ambiental, em pequenas propriedades.

Palavra-chaves: Juventude, assentamento rural, agroecologia.

Abstract: This article aims to study youth and their knowledge about agroecology, in the Ernesto Chê Guevara MST Settlement (Landless Rural Workers Movement) in Sidrolândia-MS (Mato Grosso do Sul). The idea comes in line with the issue of being able to produce what is necessary within the property itself, so that youth can have their own self-sustainment or income, combining synchrony and care with the agrosystem, the preservation of biodiversity, and also being the purpose from family farming, organic production that feeds the population and guarantees their permanence in the countryside, based on joint production, balancing the social, cultural, economic and environmental organization, on small properties.

Keywords: Youth, settlement rural, agroecology.

Contexto

O desafio desse artigo é pensar a agroecologia como proposta de permanência da juventude no campo. Para tanto, faremos uma breve análise da realidade, das dificuldades de produção, e como está o funcionamento das políticas públicas. Por isso a importância de levar o conteúdo como forma de denúncia, para que não apenas seja um trabalho científico, mas que venha disponibilizar conteúdos para um olhar mais atento para a juventude do campo.

Nossa pesquisa visa contribuir para que a juventude descubra oportunidades e novos



espaços voltados as questões socioeconômicas e de lazer. Que possa ser pensando juntos aos familiares, projetos de permanência através da educação, planejamento e renda, para que a juventude do campo tenha o gosto de estar e morar no campo.

Nós como pesquisadores, mas também como sujeitos desta trajetória, haja visto que desde muito cedo resido no assentamento, portando senti na pele todas as chagas aqui expostas. Partimos sempre da premissa de que é necessário um olhar criterioso para analisar e refletir a vida no campo, é preciso compreender as múltiplas facetas que compõe este universo, tão rico e cheio de múltiplas determinações. O campo é espaço de constante luta, seja para permanecer produzindo a existência, bem como para garantir que se faça valer os direitos adquiridos através de tantas lutas travadas por verdadeiros e verdadeiras heróis do povo.

O texto não pretende ter uma visão romântica do campo, mas expor tal como acontece, todo sacrifício para produzir, toda luta da juventude para tentar permanecer no campo, sendo esta parte de um processo familiar, onde a maior parte desta estrutura esteja ancorada num processo arcaico e predominantemente patriarcal.

Buscamos compreender, ou pelo menos tentar compreender, o porque a juventude vem ano após ano deixando o campo, tentando sempre fazer a ponte deste desenrolar com sua linha histórica. Houve, em um determinado momento de nossa história, um olhar pejorativo sobre o campo, este sendo tratado como retrogrado e subdesenvolvido. Isso ao longo dos anos, foi criando uma falsa perspectiva de que para melhorar de vida é necessário ir buscar fora, neste caso na cidade.

Metodologia

A metodologia utilizada foi a pesquisa participante que teve como instrumentos, questionários, entrevistas orais, além de roda de conversa. As entrevistas abordaram as opiniões das juventudes sobre a agroecologia e permanência no campo.

A pesquisa foi realizada em 1 comunidade de 50 famílias, foram aplicados apenas com a juventude permanente ainda nos lotes após o assentamento ter dez anos de existência, com grandes números de jovens que ao longo do tempo, por conta das dificuldades financeiras tiveram que ir para cidade. Foram entrevistados seis jovens/adolescentes, os que ainda permanece desde o início dos assentamentos e alguns desde da época do acampamento, coletando dados sobre sua formação em relação com a agroecologia, cultivo e a cultura camponesa.

A historia de luta pela terra do assentamento Ernesto Che Guevara, localizado no município de Sidrolândia-MS

Sidrolândia é o município do estado de Mato Grosso do Sul com maior número de



assentamentos rurais, são 23 no total. É nele que está localizado o assentamento Ernesto Chê Guevara. Esse assentamento faz parte de um complexo de assentamentos oriundos da desapropriação da antiga Fazenda Eldorado. Sendo eles: Alambari 2, Eldorado I, Eldorado II e Eldorado Parte, que ao todo soma-se uma área com cerca de 28,5 mil hectares. Vivem nesse complexo 4.173 famílias. No dia 17 de fevereiro de 2003, nascia o acampamento João Batista, as margens do Rio Serrote no município de Sidrolândia, na beira da BR que liga Sidrolândia a Maracaju.

O acampamento recebeu esse nome porque foi morto em emboscada João Batista militante, trabalhador rural que lutava em defesa da reforma agrária, ao qual estava lutando para assentar algumas famílias em uma fazenda próximo ao município de Rio Brillhante, quando foi assassinado por um grupo não identificado, dentro da referida fazenda. Após a mudança das margens do Rio Serrote para a beira da rodovia MS 182, localizada no mesmo município de Sidrolândia, na Estação Piúva, souberam que a fazenda Eldorado estava em negociação. Então as famílias decidiram montar acampamento as margens da rodovia MS 455, em frente a área da Fazenda Eldorado que estava sendo negociada.

Segundo os relatos do morador Wildney Alves de Almeida, do lote 15 do Assentamento Eldorado I, MST Ernesto Chê Guevara, que pesquisou a negociação da fazenda Eldorado, e certificou de que o ex dono da Fazenda Eldorado, Dr. Paulo Eduardo de Souza Firmo, um engenheiro e grande empreendedor para sua época, mudou-se para as trinta mil hectares de terras que fora presente de casamento do sogro, transformando a fazenda num marco histórico da pecuária no estado, investiu grandes recursos na infraestrutura da fazenda.

Após dezesseis anos morando, investindo e transformando a Fazenda, Dr. Paulo faleceu, e sua esposa dona Franca, continuou os negócios do marido por mais de quinze anos, e tornou-se uma das maiores pecuaristas do Brasil. Mas com o passar do tempo, sozinha nos negócios, sendo sua filha seu braço direito, que se casou com um empresário de avião e foi morar para São Paulo, deixando a mercê os negócios da família. Dona Franca, teve que vender a fazenda por não conseguir tocar os negócios, vindo então a negociar com o grupo Bertim, e o grupo Bertim negociou a fazenda com o INCRA, através do superintendente Luiz Carlos Boneli, na época.

Em Janeiro de 2006 com a compra oficial da fazenda, o Acampamento João Batista muda para dentro da área comprada, e após seis meses começou a chegar famílias de outros acampamentos do Estado, Dourados, Rio Verde, Camapuã, Campo Grande, Corumbá e Sidrolândia.

Conta em depoimento a moradora Luzia Vieira Luz moradora do lote 12 Eldorado I MST Chê Guevara, que participou da coordenação do acampamento, que a respeito da escolha do nome do assentamento, onde cada comunidade que possui 50 família dentro dessa 50 famílias existem núcleos de 10 famílias, citaram nome de grandes representantes revolucionário.



No entanto, existia no total de 09 comunidade, houve se a discussão do nome, alguns citaram nome repetidos em outras antigas fazendas transformadas em assentamentos, como Silvio Rodrigues, Margarida Alves, Dorothy, Carlos Marighela, João Batista e Chê Guevara, citado pela comunidade onde ela morava e mora até hoje na comunidade 04. Seu relato foi que: “Ernesto Chê Guevara não era regionalista, que não apenas lutava pelo socialismo em sua região, mas sim onde houvesse excluídos, era uma pessoa que vivia e pratica valores verdadeiramente humanos e altruísta, sua principal preocupação era com a igualdade”. A escolha do nome foi por votação e o nome Ernesto Chê Guevara foi o mais votado.

Desde então o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) contratou a empresa “Top Sat Meio Ambiente Geoprocessamento-Topográfico” com o Projeto de demarcação das terras tendo o modelo individual e cooperativismo, discutido com dos dois modelos iria ser e escolhendo o cooperativismo pela maioria e possui até hoje a demarcação cooperativismo de 12 hectares, sendo 8 hectares individual e 4 coletivos, totalizando 63 área cooperadas com media de 40 hectares cada, e juntas somam no total de 2.482,1095 hectares coletivo.

O assentamento Ernesto Chê Guevara tem como modelo de coletivo, em que cada família tem 8 hectares individuais, e 4 hectares no coletivo, divididos cada comunidade de 50 a 50 famílias no total de 9 comunidades, com o total de 661 famílias.

A juventude do assentamento Ernesto Che Guevara

A pesquisa sobre juventude e a agroecologia foi feita apenas com 1 comunidade, em que mora 6 jovens/adolescentes, através de questionários sobre as questões agrárias, produção de alimentos orgânicos ou não orgânicos, biodiversidade, educação do campo, cultura camponesa, agroecologia e sustentabilidade. Foram realizadas entrevistas para saber o conhecimento da juventude sobre todos os temas, para saber o que de fato cada um entendia, e assim relacionando-os as questões de permanência no campo. Buscou-se entender o cotidiano de jovens/adolescentes e seus interesses pela vida no campo.

A realidade demonstrada (infelizmente) através do questionário, foi que de 6 entrevistados 5 responderam que campo seria a soja e o milho. Por essa razão, indagamos o conceito de campo que a juventude possui. Em seus relatos aparece o histórico da cultura camponesa, por meio da educação do campo e das relações de comunidade.

Por fazer parte da juventude localizada no Assentamento Chê Guevara município de Sidrolândia- MS, sendo autor desse artigo, reconhecemos a importância do nome do assentamento. Chê Guevara foi um revolucionário em busca de liberdade e direitos do povo cubano, no qual deu sua vida para tornar possível a essência revolucionária, assim



como disse Chê: *“Ser jovem e não ser revolucionário é uma contradição genética”*

Nós enquanto jovens devemos nos posicionar como defensores da cultura camponesa, cultura a qual tem por tradição preservar a biodiversidade aliando-se a agricultura com produção de alimentos sem agrotóxicos. Mesmo sendo discutido dentro da organização do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), as linhas de ações para os trabalhos com a juventude nos assentamentos, os jovens acabam tendo que ir embora e fixar na área urbana, deixando com os pais ou responsáveis, a responsabilidade das propriedades, saem em busca de uma vida independente e estável, sem ao menos se aprofundar nos conhecimentos de políticas públicas voltadas especificamente para juventude e a agroecologia. Sem ter acesso às políticas públicas.

Como fazer que a juventude permaneça nos assentamentos?

Por causa desta indagação, realizamos uma pesquisa participante, na qual foi aplicado um questionário e feita observação no que cada jovem/adolescente dizia sobre o que é ser camponês. Buscamos saber qual era o entendimento deles e delas sobre o que é a agroecologia, e o que tinha de conhecimento teórico e prático, para que o conhecimento não seja apenas para ser usado enquanto pesquisador estudante, mas que seja um eterno ciclo onde se pesquisa mas também que se devolva ao pesquisado o resultado das inquietações acerca do tema. Para Bogo (1999, p. 79):

O que poderia deter a juventude nos assentamentos? É claro que tudo pode ser relativo em se tratando da vontade humana. Mas, certamente, se houver possibilidades de trabalho que eleve a renda pessoal e familiar, se houver escola de boa qualidade desde o primário até a faculdade nos assentamentos ou próxima a eles, se houver alternativas de lazer que não sejam apenas o jogo de futebol e os bailes tradicionais, se houver energia elétrica e a possibilidade de adquirir eletrodomésticos, transporte etc., certamente parte de nossa juventude permanecerá nos assentamentos.

Para isso devemos compreender sobre o que é de fato a agroecologia?

A agroecologia é determinada como um conceito tanto filosófico, ecológico, tradicional e da agricultura. Uma mistura de saberes que ao longo da evolução humana vem se aprimorando como uma inter-relação de conhecimento entre o ser humano e a natureza, nas relações entre ecologia e agricultura, desenvolvendo técnicas de uma relação harmoniosa entre ser humano e natureza sem agredir a biodiversidade.

Ao visitar seis lotes para entrevistar, observei que ao passar dos anos a motivação tantos dos jovens, quanto dos pais a respeito da produção seja a agroecologia ou convencional, estão cada vez menores projetadas. E são poucos os que tem pelo menos meia hectare de plantação de mandioca, um pouco de plantação de milho, uma horta apenas para o consumo, e alguns animais domésticos como galinhas, porcos, vacas e cavalos. É nessa linha de pensamento que a reforma agrária deve ser estudada. Porque os camponeses e camponesas, jovens ou adultos, estão desmotivados? Como primeiro passo busquei



saber o que cada um entende sobre agroecologia, e para minha surpresa, o conhecimento sobre o assunto não era bem definido ou nem ao menos conhecia o termo agroecologia.

Para os entrevistados agroecologia é um termo apenas na disciplina por apenas ter conhecido dentro das salas de aulas na teoria, mas a prática para eles não está sendo utilizada, em relação por exemplo, a prática do reflorestamento, muitos acham que a plantação de eucalipto é vantajosa por conta da renda, embora não analisem os danos que o eucalipto traz ao solo, o processo de adubação, na maioria das vezes que foi citado, todos entendem como adubo o químico e não possuem conhecimento da adubação verde. E em todos os casos a agricultura convencional do agronegócio acabou que alienando o pensamento da juventude do campo. Isso faz com que a importância dessa pesquisa seja resgatar o conhecimento de produção agroecológica e orgânica para juventude do campo.

A juventude tem como ajuda a disponibilidade e criatividade de se arriscar e estudar. Cabe entender que dentro desse desenvolvimento pode ser um processo rápido ou pode demorar séculos. Junto com a Educação do Campo, o despertar da juventude no campo caminha para um maior enraizamento, em busca de desenvolver projetos políticos, pedagógicos e econômicos para dentro do campo, reestruturando os assentamentos e cultivando a cultura camponesa. Para muitos jovens do campo existe uma grande barreira excludente que não lhes permite ter autonomia, em todos os sentidos, incluindo a financeira.

E com isso, se veem forçados a buscar sua autonomia em outros lugares como cidades ou fazendas para vender sua mão de obra. É nessa denúncia que devemos focar para que a juventude não tem interesse é que sua autonomia está podada, e infelizmente sendo podada a maioria das vezes, pelos próprios pais ou responsáveis ou a falta de acesso às políticas públicas para conseguirem desenvolver suas plenas potencialidades e acessar trabalho a partir da localidade e então poder ter renda, por pequena que seja, ainda assim teríamos um maior número de jovens no campo. Há falta de incentivo tanto familiar, quanto da comunidade e governamental.

Outro elemento a considerar a cultura predominante nos assentamentos em geral, que é o patriarcado. Tanto os adultos e também os jovens costumam frequentar lugares, para se distrair, ter diversão, convívio social. Mas o que se encontra muito em assentamentos para esse convívio são apenas igrejas, a qual muitas são regidas por um padrão conservador, fazendo com que seja imposto aos jovens uma mentalidade machista, em que o jovens homens tenha que se casar e construir uma família, e para isso deve procurar um lugar para morar e ter sua renda.

Esse padrão faz com que os jovens decidam ir para cidades, e para as jovens mulheres, o ensino é a submissão ao marido, a qual seguir aquilo que o marido impõe. Isso ocorre de geração a geração. A indagação é: como ficarão os assentamentos futuramente? Embora temos que lembrar que muitos que estão em suas terras, levaram tempo para



chegar nelas, e muitas vezes é o sonho de pais e mães ou responsáveis, de que sua descendência continue a vida no campo.

Nessa maneira de olhar a continuidade do camponês está relacionado a uma cultura tradicional, está também a convivência em coletivo, a preservação da natureza, o trabalho com a agroecologia, a produção e emancipação, fonte de renda, técnicas, que venha abastecer a mesa da população de maneira correta. As políticas públicas precisam evitar a burocracia para os jovens, criando leis e financiamentos para produção agroecológica.

Resultados e discussões

Embora poucos saibam, existem movimentos das juventudes do campo, que há anos estão na luta pelos direitos da juventude no campo. Mas para que haja permanência, a juventude do campo precisa de uma renda. Talvez seja esse o impedimento maior, embora não seja uma renda para enriquecimento, mas para própria subsistência. Para que haja mudança nessa realidade, temos que enfrentar a concepção política, a qual não confia da maioria das vezes em liberar projeto que engaje a juventude do campo.

Embora nos últimos anos temos tido um avanço pequeno, ainda que uma parcela da contribuição em questões de investimento para juventude entre o governo do Lula e Dilma, em projetos como Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), Pronaf – jovens, não são todos o jovens que o acessaram, muitos tentarão mas não conseguiram. Houve também o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), capacitando jovens e adultos para que tenha mas chance de concorrer uma vaga de emprego ou criar seu próprio negócio, entre outros, a juventude teve uma notória participação, e assim cada vez mas esta ganhando seu espaço, dialeticamente.

Por mas que haja todo esse movimento, as comunidades como a que entrevistei os jovens, tem o receio de que não há como permanecer. Alguns tentarão plantar hortaliças, como no relato do jovens morador do assentamento Ernesto Chê Guevara, no lote 02, Marcos Orelia. Em seu comentário diz:

Então, eu moro aqui no assentamento que já vai fazer 12 anos, estou desde o início, e para me manter no sitio tentei fazer de tudo um pouco, busquei plantar horta, furei um poço para que não faltasse água, mandei gradear a terra, fiz tudo os canteiros comprei mudas, de alface, pimentão, couve, plantei, e fui aguando da maneira que nós sabia, e do nada começa as plantas ter alguma doenças, e a gente sem saber o que fazer, mas também não queria perde a plantação, procuramos saber que veneno combateria tal doença, em que as folhas começa a amarela, para de crescer, e nisso vem a perda da produção, por que não tinha nem uma assistência técnica, na verdade tinha mas nunca aparece, só aparece para fazer pergunta depois já vai embora, e mesmo assim aquilo que eu e minha esposa, consegui colher quando fomos procurar vender, queria que a gente praticamente desse de graça todo nosso trabalho, por isso que desanimei e parei de mexer com horta.



A observar este relato podemos encontrar outra barreira, como a falta de assistência técnica. Nesse caso ele poderia estar sendo informando sobre o que deve ou não fazer, conscientizar contra o uso de agrotóxicos, sobre agregação de valor ao produto temos também a desvalorização do produto, tudo isso influencia na evasão do assentamento, seja de jovens e seja de adultos.

Temos que discutir reforma agrária de maneira não romantizada, mas sim mostrar de fato a realidade em que vivem os jovens e a população do campo. Expor os pontos negativos e positivos. Reforma agrária que ainda está em processo de desenvolvimento no país, e no nosso caso, analisar como está interligado o saber agroecológico com foco na juventude. Conforme Bogo (1999, p. 84):

O que é a verdadeira reforma agrária não encontraremos nos livros, pois o que temos ali são apenas experiências de outros países que já fizeram sua distribuição de terra e organizaram sua agricultura, ou indicativos de como deve ser a reforma agrária no Brasil. Como pouco avançamos neste caminho, a prática não demonstrou suficientemente como devemos proceder. Nos livros encontramos motivação de nossa reforma agrária mas, ao fazê-la, aprendemos o que de fato ela significa.

É importante compreender também, que o processo massivo de evasão dos povos do campo aqui neste artigo figurado na juventude para cidade, faz parte de um processo histórico, onde se via o campo como um espaço retrógrado, e quem viviam no campo era tratado com desprezo e visto como miseráveis. Isso foi incutido na mentalidade social da população brasileira, onde se entendia que para se ter uma vida melhor teria que buscar na cidade, já que a vida no campo era tida como sofrida e penosa. Coelho (2014, p. 77) destaca:

Assim, tiram-lhes dos sujeitos seus meios de trabalho para subjugar-los. E, necessariamente, os sujeitos expropriados têm de vender sua força de trabalho aos caprichos e vaidades dos capitalistas. Partindo desse entendimento, é possível destacar que o processos de expropriação e exploração são combinados. Refletindo sobre a década de 1970, Martins (1991) pontua que se efetivou intensamente um “divórcio” entre trabalhadores e seus meios de trabalho, no caso dos trabalhadores rurais: “a terra”.

Os movimentos sociais principalmente o MST, passa a ressignificar o campo, como espaço de dar sentido a vida, onde o sujeito ao lavrar a terra reconheça no seu trabalho a importância e o sentido de sua existência, desenvolvendo uma relação de reciprocidade entre humano e natureza.

Quando dizemos que a agroecologia é também filosofia, é o que se trata de um ponto de interrogação, em que deve ser aprofundado não somente na teoria, mas também na prática. Agroecologia vai muito além de conciliar ser humano e natureza, a agroecologia é talvez o redescobrimto de modo de salvação futura.

O mesmo fato ocorrido com o morador Marco Orelia, com sua horta, ocorre também com a produção de leite, a qual através do PRONAF, tem por financiamento para compra de



vacas leiteiras, materiais para equipar as propriedades como arames, poste, ordenhas, trituradores, entre outros. Por mais que tenham os créditos, possibilitando a compra de gado, e estas novilhas adquirida começam a criar, e assim produzir leite, existem outras barreiras, que é a valorização do produto.

Porque além de sua produção ser baixa, porque os recursos são poucos (dá para comprar cinco novilhas), o valor do leite não paga nem a ração que as vacas leiteiras tem que se alimentar como comprimento na produção do leite. Além disso, ao selecionar as vacas como leiteiras, quando cria não tem alimento o suficiente para manter a produção de leite como pastagens e rações, por que o créditos não cobrem todo esse investimento.

Conclusões

Esse relato de experiência buscou entender o por que da juventudes estarem saindo do campo, e assim fazendo relação com a agroecologia, que traz espaço para construção de novas ideias e projetos que venham fixar essa juventude no campo, aliando a conscientização ambiental, sociocultural e econômica.

Nosso intuito também foi de fazer uma análise da realidade para refletir porque os órgãos público, na maioria das vezes não incentiva os jovens a permanecerem no campo. Parte dos agentes do serviço público tem preconceito com o campo. Trabalha-se em vários espaços como igrejas, órgãos públicos, cidade, que o campo não é lugar de se viver e criar uma família, sendo a melhor opção as áreas urbanas. Iludidos a juventude vai atrás do assalariamento, como que alienados ao consumismo, o que faz com que os jovens fiquem acorrentados a ideologia do capital, e assim prevalece a ideia contraria de que é possível disfrutar de uma vida tranquila e saudável no campo.

Referências

BOGO, Ademar. **Lições da luta pela terra** / Salvador: Memorial das Letras, 1999. 160p.

COELHO, Fabiano. **A alma do MST?** a pratica da mística e a luta pela terra, Dourados-MS: Ed. UFGD, 2014.

MARTINS, José de S. **Fronteiras:** a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.